

Saúde na imprensa: mudança social possível

Health and the press: possible social change

Beatriz DORNELLES

Professora de Jornalismo Científico da Faculdade
dos Meios de Comunicação Social (Famecos)
da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul (PUCRS).

RESUMO

O trabalho mostra como a imprensa tem contribuído para alterar o atual quadro mundial na divulgação de temas científicos, Medicina, qualidade de vida e saúde pública e apresenta uma análise sobre mitos e preconceitos de jornalistas em torno da Medicina Alternativa e novas técnicas terapêuticas.

Para melhor entender a atuação da imprensa, o artigo registra, ainda, dados da Organização das Nações Unidas (ONU), Unicef e Banco Mundial sobre o Desenvolvimento Humano nos últimos 35 anos, que reforçam a necessidade da imprensa atuar como "mediadora social", incluindo, dentre suas funções jornalísticas, a educativa.

Palavras-chave: Jornalismo. Medicina. Saúde.

ABSTRACT

The work shows how the press has contributed to change the recent world's publishing of scientific news, Medicine, life quality and public health. It also analyses some journalists myths and prejudice about Alternative Medicine as well as new therapeutic tendencies.

In order to better understand the influence of the press, the article presents some data from the United Nation Organization, Unicef and World Bank about Human Development in the last 35 years. The data emphasises the need for the press to act as a "social mediator", including the educational aspect of the journalism.

Key words: Press. Medicine. Health.

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo, enquanto uma profissão que tem por objetivo fazer uma mediação social, dar vozes às minorias e defender os interesses legítimos daqueles que não detêm poder ou notoriedade (maioria da população é representada por pessoas anônimas), pode, se desejar, provocar mudanças sociais e individuais. Se, por outro lado, adotar uma postura conservadora, apenas servirá para reforçar a ideologia da classe dominante, hoje representada pelo paradigma da modernidade.

Para evitar a manutenção dessa visão de mundo, o jornalismo precisa aceitar, em primeiro lugar, as mudanças que se fazem necessárias neste final de século. As análises feitas em cima dos resultados obtidos com a prática do positivismo nos últimos 300 anos, ainda presente hoje nas ações daqueles que comandam a política e a economia do país, mostram que esse paradigma precisa de reformulações, pois não está mais atendendo à busca dos seres humanos. Várias atitudes, crenças, comportamentos, regras e normas da elite intelectual e econômica não deram certo. Observemos, por exemplo, os dados abaixo citados.

O Relatório do Desenvolvimento Humano - 1994, divulgado na segunda semana de setembro pela Organização das Nações Unidas (ONU), revela que neste final de século um bilhão, dos 5,66 bilhões de habitantes da Terra, passam fome. Um bilhão e cem milhões de pessoas têm uma renda diária de US\$ 1,00. Trinta e dois por cento da humanidade sobrevive em condições abaixo do índice mínimo de desenvolvimento humano, ou seja, um terço da população vive em condições de pobreza absoluta.

Paralelamente a esse quadro dramático, dados da ONU revelam que o número de países alinhados às Nações Unidas cresceu de 51 para 184, o que mostra que três quartos da população vive hoje sob regime relativamente democrático e pluralista.

Além disso, a pesquisa realizada pela ONU concluiu que de 1960 a 1992 o percentual de pessoas com nível satisfatório de desenvolvimento humano cresceu de 25% para 60%, o que seria totalmente positivo não fossem outros aspectos da sociedade que revelam a insatisfação psíquica e espiritual (saúde mental) dos homens na Terra. Analisemos, por exemplo, os dados econômicos também levantados pela ONU. As populações dos 54 países mais ricos do mundo concentram 60 vezes a renda das populações dos 55 países mais pobres. As despesas militares globais igualam-se ao conjunto de rendimento anual de 50% da humanidade.

Sáude na imprensa ...

Se analisarmos os dados da saúde, a situação agrava-se um pouco mais. Na África Meridional, por exemplo, 30% das crianças já nascem subnutridas. A maior parte das causas de morte nos países em desenvolvimento ainda se dá por doenças relacionadas com problemas de saneamento básico e higiene. Um quarto da população não tem acesso às necessidades básicas, como a água potável, por exemplo.

Especificando as causas das mortes dos habitantes da Terra, observamos que as infecções e doenças parasitárias matam 17 milhões de pessoas anualmente. Outros seis milhões de seres humanos morrem de doenças respiratórias; 4,5 milhões morrem de diarreia e 3,5 milhões, de tuberculose.

Nos países industrializados existe um médico para cada 400 pessoas. No Brasil, a relação é de um médico para cada 7 mil pessoas. Em 1993, o extermínio de menores no Brasil cresceu 40%, segundo dados do Unicef. Ainda conforme esse órgão, existem atualmente 200 mil crianças abandonadas, dormindo nas ruas das cidades do Brasil. O relatório da ONU de 1994 conta que um terço das mulheres nos países em desenvolvimento é agredido fisicamente por seus maridos e que a cada duas mil mulheres, uma já foi violada uma vez. Na África, a situação é aterrorizante. Mais de cem mil mulheres por ano são mutiladas com a retirada do clitóris em um primitivo processo de circuncisão feminina.

“ Mais de cem milhões de crianças morrerão na década de 90 por doença e desnutrição. ”

De 1980 a 1990, 47% da população brasileira viveu na pobreza total. Ou seja, são aproximadamente 72,4 milhões de pessoas pobres no Brasil, o que representa 5,6% do total de pobres do mundo inteiro. Conforme relatório do Unicef, mantidas as atuais tendências sócio-econômico-políticas, mais de 100 milhões de crianças morrerão na década de 90 por doença e desnutrição. As doenças que mais matarão serão a pneumonia, o tétano, o sarampo e a coqueluche, ou seja, morrerão pelas mesmas causas que milhões de crianças morreram no ano de 1900, segundo dados obtidos pelo Banco Mundial. Para evitar a morte dessas crianças, alerta o banco, são necessários US\$ 200 bilhões por ano. Essa quantia equivale aos gastos publicitários das companhias americanas de cigarros.

E como a imprensa tem contribuído para alterar esse quadro mundial, quando divulga notícias relacionadas à área de saúde, Medicina e qualidade de vida? No Rio Grande do Sul, pelo que se pode observar na leitura dos jornais do Estado, a cobertura ainda é muito incipiente. Os temas de saúde pública são muito pouco citados no noticiário. É importante destacar que saúde pública não é um tema que desperta a atenção de laboratórios farmacêuticos, mais interessados na Medicina curativa, que difunde o uso de medicamentos e de técnicas avançadas de tratamento, através de equipamentos de alta tecnologia.

A saúde pública requer e prega maior apoio à prevenção, já que a população de baixa renda (mais de 70% da população) não tem condições econômicas sequer de adquirir um antibiótico para tratar a pneumonia, que muito tem atingido as crianças gaúchas, principalmente durante o inverno.

A quase total omissão da imprensa no tocante à prevenção, se não é resultante de fatores econômicos, é porque há uma política editorial voltada quase que exclusivamente para os leitores de elite. Esquece-se, assim, do papel nobre do jornalismo de ser um mediador social e servir de porta-voz das classes menos favorecidas. Todos sabem que a imprensa, ao denunciar atitudes governamentais de qualquer natureza, força uma reação das autoridades. Quando os meios de comunicação lideram reivindicações da comunidade acabam atingindo seus objetivos com muito mais rapidez do que ocorreria sem sua participação.

“ *Do que adianta falar sobre doenças que atingem os pobres, já que eles não lêem jornal?* ”

A prática nobre do jornalismo parece estar se perdendo, inclusive, nos cursos de Comunicação. Muitos estudantes de Jornalismo e até profissionais que atuam no mercado, ao discutirem o assunto, perguntam: - “Do que adianta falar sobre doenças que atingem os pobres, já que eles não lêem jornal?”

No nosso entender, essa é uma postura, no mínimo, preconceituosa e de desconhecimento do papel e do poder da imprensa. O objetivo do jornalismo é, entre outros, defender direitos da população e reivindicar melhores condições de vida para toda a humanidade. E a imprensa tem esse poder.

No nosso entender, essa é uma postura, no mínimo, preconceituosa e de desconhecimento do papel e do poder da imprensa. O objetivo do jornalismo é, entre outros, defender direitos da população e reivindicar melhores condições de vida para toda a humanidade. E a imprensa tem esse poder.

Não temos dúvidas de que ela pode causar mudanças sociais profundas, desde que adote o caminho correto para lá chegar. Essa certeza provém dos resultados obtidos pelo jornal *Zero Hora*, junto à sociedade, por ocasião da publicação de determinadas matérias que tiveram por objetivo defender os menos favorecidos, principalmente aqueles que não se fazem ouvir pelas autoridades do Estado.

É o que descreveremos a seguir, ao relatarmos a história de alguns acontecimentos ocorridos com a equipe de jornalistas do *Caderno Vida*, suplemento semanal do jornal *Zero Hora*, responsável pela divulgação de assuntos ligados à Saúde e Medicina, com grande número de leitores e admiradores. Hoje, fazemos esta análise como pesquisadores de possíveis mudanças sociais provocadas pela imprensa escrita. Há um ano, participamos da história como jornalistas, tentando colocar em prática o gênero jornalístico a que temos nos dedicado nos últimos dez anos: o Jornalismo Científico, com função educativa.

Sáude na imprensa ...

2. REGRESSÃO

Uma das técnicas de psicoterapia mais questionadas pelos psicólogos ortodoxos, que seguem a linha freudiana, é a regressão. Primeiro, porque para fazê-la é necessário partir da hipnose, e Freud abandonou-a por não ter conseguido trabalhar com ela. Segundo, porque a regressão pressupõe a crença em vida após a morte, reencarnação e outras coisas que fogem à linha científica newtoniana-cartesiana. No entanto, o *Caderno Vida* do jornal *Zero Hora* teve o desprendimento científico de publicar no dia 20 de setembro de 1992 uma matéria sobre o assunto que valeu a capa do suplemento e quatro das oito páginas que possui. A matéria alerta para o fato de que os psicólogos de todo o Brasil estão desafiando as leis da ciência, estendendo a terapia de regressão ao que acreditam ser vidas passadas, com ajuda de métodos como a hipnose e o relaxamento mental. A ciência tolera - e pratica - apenas a regressão de idade, ou seja, até a vida uterina.

Esses psicólogos mais avançados, que pulam o tênue limite estabelecido pela ciência em busca de alguma luz para os mistérios da alma, da personalidade, da consciência e do inconsciente, consideram hoje a linha freudiana ultrapassada. Mas pagam o preço de sofrerem ferrenhas críticas dos psicólogos mais antigos e ortodoxos, que comandam as associações da categoria. E esses são os mesmos que atuam junto às redações de jornais, fazendo *lobby* pela ciência da modernidade e "acabando" com os métodos revolucionários da Psicologia. E o preconceito com essas técnicas passa a repercutir também junto à imprensa.

Como define Agnes Heller¹, "o preconceito é a categoria do pensamento e do comportamento cotidianos. Os preconceitos sempre desempenham uma função importante também em esferas, que por sua universalidade, se encontram acima da cotidianidade, mas não procedem essencialmente dessas esferas, nem aumentam sua eficácia; ao contrário, não só a diminuem como obstaculizam o aproveitamento das possibilidades que elas comportam. Quem não se liberta de seus preconceitos artísticos, científicos e políticos acaba fracassando, inclusive pessoalmente".

3. SÍNDROME DO PÂNICO

Ainda na linha de doenças mentais, o *Caderno Vida*, no dia 6 de dezembro de 1992, divulgou uma matéria sobre a Síndrome do Pânico, disfunção do cérebro que trabalha disparando alarmes em situações onde não há real perigo. A doença, cujas causas ainda são desconhecidas, atinge 4% da população.

(1) *O cotidiano e a história*, passim.

A matéria inicia-se com a descrição de uma paciente imaginária, no momento em que passa pela crise. “Tudo começa em um local amplo e com muita gente desconhecida. O medo de passar mal e não receber ajuda desencadeia uma série de sintomas. A crise é repentina e começa por um intenso desconforto. Associa-se ao medo de morrer, perder o controle mental, a consciência e a identidade. A pessoa pensa que vai enlouquecer e começam as manifestações físicas. Taquicardia, suor, frio, tremor, tontura, sensação de falta de ar, palidez e até desmaio. Tudo acontece em um período de 10 minutos e pode durar até uma hora. O indivíduo volta ao normal gradualmente e tem a sensação de ter tomado um grande susto”.

A simples descrição pormenorizada dos sintomas do pânico provocou a reação de diversos leitores que se manifestaram, basicamente, com a seguinte declaração:

“Quero agradecer enormemente a esse jornal por ter divulgado matéria sobre a doença do pânico. Há mais de dez anos sofro com esse problema, mas até antes de ler a matéria, pensava que era louca. Em cada crise sempre acabava no pronto-socorro e nunca ninguém diagnosticou a doença. Encaminho todos os atestados que recebi no decorrer da minha vida, onde os médicos disseram que eu tinha vários distúrbios, mas nunca falaram sobre a Síndrome do Pânico. Hoje, depois de tomar conhecimento desse distúrbio, finalmente procurei o profissional correto e já estou em tratamento. Obrigado pelo serviço que vocês têm prestado à comunidade gaúcha”.

4. MENOPAUSA

Matérias publicadas pela imprensa, com o objetivo de desfazer mitos, também são de extrema importância para a quebra de preconceitos. “Todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo”, afirma Agnes Heller².

Esse foi o caso da matéria, publicada no dia 30 de agosto de 1992, sobre menopausa. O título é sugestivo e provocante: “A perda do desejo sexual é conversa para marido dormir”. O texto inicia-se com a seguinte afirmação: “O fim dos ciclos menstruais e do período reprodutivo da mulher, a temível menopausa,

(2) Op. cit., p.26.

Sáude na imprensa ...

provoca vários distúrbios físicos no corpo feminino, além dos efeitos psicológicos, mas não causa a perda do apetite sexual". A matéria explica que talvez essa verdade não seja suficiente para compensar os desagradáveis fogachos, o mau humor, o nervosismo, a falta de sono, as dores e a perda de memória. Mesmo assim, para muitas mulheres é um alívio saber que os problemas sexuais na menopausa não passam de um mito, garantem a ginecologista e obstetra Jeanete Bodanezi e a sexóloga Rafaela Couto.

Os telefonemas feitos pelos leitores revelaram, no grupo que serviu para amostragem, que muitas mulheres e homens mantinham tais preconceitos. Tomar conhecimento da possibilidade de resolverem o assunto, encarando o problema de outro ângulo, fez com que mudassem suas vidas no casamento.

5. CÂNCER NA LARINGE

Outra matéria de grande repercussão, publicada pelo *Caderno Vida*, e que provocou importantes mudanças no comportamento dos leitores, tratou do câncer na laringe.

A matéria apresentava um novo processo tecnológico, a videoestroboscopia, que torna possível o diagnóstico ultraprecoce de lesões nas cordas vocais, ampliando as chances de tratamento e eliminação da doença. O aparelho permite filmar as cordas vocais em funcionamento, através de luz especial que dá a impressão de movimentos lentos ou quase parados, possibilitando o aperfeiçoamento no diagnóstico.

As explicações contidas no texto objetivando a identificação dos sintomas por possíveis pacientes com problema na garganta fizeram com que o otorrinolaringologista Nédio Steffen, pioneiro na técnica no Rio Grande do Sul, diagnosticasse câncer hiper-inicial em pessoas que leram a matéria e procuraram o profissional. O médico encaminhou carta para o jornal *Zero Hora*, registrando sua responsabilidade pela recuperação da voz de diversas pessoas que, se não tivessem sido alertadas para os sintomas, talvez morressem antes de saber o que tinham ou perdessem totalmente a voz, por procurarem ajuda tarde demais.

Sentimos, apenas, que tal técnica, tão sofisticada e importante para pacientes de câncer na laringe, não seja oferecida pelos convênios médicos e INPS. Somente pacientes particulares terão o privilégio de diagnosticarem com muita antecedência o câncer na laringe, o que possibilita a cura da doença sem maiores danos à saúde vocal.

6. TENSÃO PRÉ-MENSTRUAL (TPM)

Outro desequilíbrio que sofre muito com os preconceitos, por parte do sexo masculino, é a Tensão Pré-Menstrual (TPM). Eles resultam de juízos provisorios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que se conservam inabalados contra todos os argumentos da razão, como destaca Heller.

A matéria publicada pelo *Vida* chamava a atenção para uma decisão de médicos norte-americanos, que decidiram incluir a TPM no *Manual de Diagnóstico e Estatística das Doenças Mentais da Associação Psiquiátrica Norte-Americana*. Psiquiatras gaúchos foram ouvidos e unanimemente declararam ser contra tal medida, porque ela “criaria mais um rótulo em torno das mulheres na hora da admissão profissional, além delas já sofrerem pelo fato de terem garantias legais durante a gravidez e após o parto”.

Os profissionais do *Vida* tiveram o cuidado de mostrar que o problema pode ser controlado através de medicação, pois isso se faz necessário em muitos casos. A TPM causa alterações físicas, comportamentais e no humor da mulher, que deve receber um tratamento especial durante esse período. Assim, revelou que o comportamento de muitos homens para com as mulheres em TPM está totalmente equivocado.

O conteúdo da notícia incluiu uma lista de mudanças ocorridas durante a TPM, o que oportunizou o auto-diagnóstico por parte das mulheres e a compreensão dos homens.

7. SAÚDE MENTAL NO BRASIL

No dia 25 de abril de 1993, o *Caderno Vida* publicou um retrato da saúde mental do brasileiro, levantado por psiquiatras do Rio Grande do Sul, São Paulo e Brasília, causando grande repercussão e resultando em novas medidas governamentais na área da saúde. A matéria foi lida na Assembléia Legislativa do Estado e na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre por políticos preocupados com os dados da pesquisa. A Secretaria de Saúde do Estado e da capital gaúcha tomaram providências em função do material publicado, o que mostra a força da imprensa e sua viabilidade em provocar mudanças sociais.

Na capa do caderno, foram destacados alguns itens que particularmente chamaram atenção dos psiquiatras envolvidos na pesquisa: 34% dos porto-alegrenses precisam de tratamento psiquiátrico; 16% dos homens que vivem na

Sáude na imprensa ...

capital gaúcha abusam do álcool; 58% das mulheres de Porto Alegre, entre 45 e 54 anos, são deprimidas; 76% dos gaúchos na terceira idade estão com problemas psíquicos e 24% da população de Brasília sofre de ansiedade e fobias.

A pesquisa revelou, ainda, que 34% dos gaúchos e brasilienses e 19% dos paulistanos sofrem de perturbações psíquicas que vão da ansiedade e depressão à esquizofrenia e necessitam de tratamento.

O trabalho mostrou alguns dados surpreendentes, considerando a tendência internacional. Por exemplo, contrariando o que acontece em todos os outros lugares do mundo, no Rio Grande do Sul ser solteiro parece ser um fator de defesa contra a depressão. O índice de deprimidos é ainda menor quando o indivíduo, além de sozinho, é pobre. Ser católico e estar inserido no mercado de trabalho são outros fatores de proteção à depressão.

O índice de prevalência de um dos distúrbios pesquisados surpreendeu os psiquiatras gaúchos porque superou, em muito, a média mundial. O abuso ou dependência do álcool atinge 10% das populações dos países do Primeiro Mundo e preocupa as autoridades governamentais. Em Porto Alegre, o mesmo problema atinge 16% dos homens. Os valores encontrados em São Paulo e Brasília têm maior relação com o índice internacional: 8%. As mulheres alcançam nos três Estados taxas médias em torno de apenas 1%.

Outro dado surpreendente na pesquisa atinge as mulheres gaúchas. Elas são três vezes mais deprimidas que as brasilienses e paulistas. Incluindo os homens, o índice de Porto Alegre atinge 6,7%, cerca de cinco vezes mais que o 1,3% dos paulistanos e 0 1,5% dos brasilienses.

Separados por faixa etária e sexo, os números em Porto Alegre são novamente surpreendentes e superam os índices de Brasília e São Paulo. Os homens gaúchos com mais de 55 anos, por exemplo, são os mais afetados pelos distúrbios mentais, seguidos de jovens entre 25 e 35 anos. Na primeira faixa etária, 76% necessitam de tratamento. Esse índice nos mais jovens está em 60%. Em oposição aos dados do Rio Grande do Sul, São Paulo revela os menores índices para os mais velhos. Apenas 15% têm problemas. Brasília, por ter uma população muito jovem, não apresentou índices de distúrbios mentais para essa faixa etária.

Os jovens paulistanos também não apresentam grandes problemas. Somente 20% necessitam tratamento e, em Brasília, o número cresce para pouco mais de 30%. A faixa etária mais problemática para as mulheres é a de 45 a 54

“*No Rio Grande do Sul ser solteiro parece ser um fator de defesa contra a depressão.*”

anos, quando 58% do sexo feminino apresenta alterações mentais. O índice também é alto em Brasília: metade da população feminina entre, 35 e 54 anos, está psiquicamente doente. Os psiquiatras atribuem à menopausa a responsabilidade por grande parte dos problemas mentais do sexo feminino.

Os números apresentados acima, além de muitos outros, já que a metade ocupou cinco páginas do *Caderno Vida*, revelam que a saúde mental dos gaúchos, especialmente, vai muito mal. Esses distúrbios, no entanto, não recebem atenção dos órgãos da saúde pública que dão atendimento à população mais carente. Faltou na matéria uma reportagem em profundidade que mostrasse como os governos estão tratando o problema de distúrbios mentais, que muito podem alterar os resultados sócio-político-econômicos de uma sociedade.

Por outro lado, com tantas doenças mentais, entende-se porque existe uma busca atualmente, por parte da população, de técnicas alternativas da Medicina que possam aliviar os conflitos psíquicos, mentais e espirituais. A Medicina ortodoxa, seguindo os métodos cartesianos-newtonianos e freudianos, não conseguiu atender à população de forma satisfatória como fez, por exemplo, na área dos transplantes ou pelo que está fazendo com a engenharia genética. Por isso, vê-se crescer o culto a crenças, religiões e filosofias que acabam por explorar a necessidade de ajuda apresentada pelos seres humanos nesse final de século.

8. HIPERATIVOS

Outra matéria que sensibilizou a equipe de reportagem do *Caderno Vida* atingiu diretamente os interesses de crianças que muito devem sofrer porque os adultos desconhecem o problema da Hiperatividade com Déficit de Atenção. Mais de 100 telefonemas foram dados à redação do jornal *Zero Hora* por mães que procuravam saber como tratar de seus filhos que, provavelmente, sofriam de hiperatividade. Entre os telefonemas e cartas recebidos muitos eram de cidades do interior do Estado e até mesmo de secretários (as) municipais de Saúde interessados em ajudar crianças que apresentam sintomas da doença.

As crianças que sofrem desse distúrbio, conhecidas como hiperativas ou superagitadas, lutam contra um outro problema: o desconhecimento dos pais e dos professores sobre a doença. Em consequência, as hiperativas, tão ou mais inteligentes que seus colegas, passam por burras, mal educadas, chatas, rebeldes e intratáveis. A terapia, com participação de pais e professores, além de medicamentos, é básica no tratamento da hiperatividade, cujas causas são múltiplas.

Sáude na imprensa ...

Mais uma vez, o que provocou tantas reações nos leitores do *Vida* foi o fato de terem identificado seus filhos com a lista detalhada de sintomas, publicada pelo jornal juntamente com a matéria, objetivando educar os pais sobre o problema. A reportagem destacou, entre outros detalhes, todas as alterações mentais ocorridas nas crianças que apresentam o distúrbio.

8.1. Xixi na cama

Assim como a matéria dos hiperativos tentou levar ajuda aos pais e crianças que sofrem de um problema mental de pouco conhecimento dos médicos, no dia 24 de janeiro de 1993 o *Vida* publicou matéria que tentou esgotar o problema do "xixi na cama". Ambas obtiveram grande repercussão junto aos leitores, que em dezenas procuraram os especialistas citados pelo jornal.

Quanto ao xixi na cama, buscou-se destacar os mitos e verdades que circulam sobre o problema, além de apresentar possíveis soluções. O mais importante, no entanto, foi a citação das causas psicológicas que desencadeiam o xixi na cama, a exemplo do que se fez na matéria sobre os hiperativos.

9. AGRESSÃO NA INFÂNCIA

No dia 16 de maio de 1993, o editor do *Caderno Vida* na época, o jornalista Ivo Stigger, decidiu fazer um caderno temático, tratando apenas da agressão na infância. A matéria causou muita polêmica já entre os profissionais da redação do *Zero Hora*. Alguns achavam que matérias que tratam de violência repugnam o leitor e não devem ser publicadas. O editor e equipe do *Vida* defendiam que o problema deveria ser alertado para que as autoridades, familiares, vizinhos e amigos tomassem providências que viessem em defesa das crianças.

Na capa do *Caderno*, um texto, funcionando como um grande olho, destacava que a violência contra menores, que se distribui de maneira igual por todas as classes sociais, deixa marcas profundas no corpo e na mente. Adultos maltratados na infância costumam reproduzir esse comportamento, agredindo os filhos.

O medo das crianças, o silêncio conivente de familiares e vizinhos e o desconhecimento dos médicos nos setores de emergência no momento do diagnóstico contribuem para que apenas uma parte da violência seja denunciada. Ainda assim, o Instituto Médico Legal de Porto Alegre registra anualmente 1440 casos de maus-tratos a menores de 14 anos.

O tema é polêmico. Médicos e pais ainda não chegaram a um consenso sobre se um simples tapa na bunda é ou não uma forma de mau-trato. O *Caderno Vida* fala sobre essas dúvidas e mostra o que deve ser feito para proteger essas pequenas vítimas da violência. Abordou o tema por todos os lados, contextualizando-o na história e na sociedade. Além disso, mostrou os mitos e verdades que cercam o assunto. Por exemplo, um texto em destaque (fundo laranja) diz que é um mito pensar que incesto é raro. Ao contrário, ocorre em até 10% das famílias. É mito dizer que abuso sexual ocorre somente em classe baixa, pois ele é cometido em todos os grupos sócio-econômicos, educacionais, religiosos e culturais. É mito pensar que o relato das crianças sobre abuso sexual é fantasiado. As crianças não podem relatar aquilo de que não têm conhecimento e raramente mentem sobre terem sido submetidos a abuso sexual, mas podem omitir informações quando sob coação.

10. CONCLUSÃO

Durante a realização das matérias pôde-se observar que existem algumas radicais convergências entre médicos e jornalistas. Para os primeiros, qualquer tema deve ser divulgado e as pessoas precisam tomar conhecimento deles para poderem atuar frente aos problemas, contribuindo para mudanças sociais, comportamentais e culturais.

Já os jornalistas, que teoricamente deveriam estar preocupados em levar para a sociedade todos os problemas que a atingem, apresentam um discurso da “futilidade”³, fazendo ressalvas à publicação de alguns temas, sob o argumento de que o leitor não gosta de ler assuntos pesados e isso pode provocar o desprestígio do suplemento, além de não vender jornal. Outros argumentam, apenas, que ao verem as fotografias, que em alguns casos dizem tudo, como foi, por exemplo, a matéria sobre maus-tratos na infância, não quiseram nem ler o primeiro parágrafo da matéria. “Imaginem os leitores”, destacavam alguns deles. Esses jornalistas avaliavam a reação do público com base em suas características e gostos pessoais.

A cobertura da área da saúde, acreditamos, tem vários elementos para conseguir provocar mudanças sociais, pois ela atinge diretamente a sobrevivência das pessoas, a solidariedade, os valores cristãos, a religião, a fé, as crenças que se unem em alguns momentos em defesa da vida. Isso poderia ser muito bem explorado pela imprensa, o que não se verifica em função da mentalidade capitalista que hoje vem dominando as empresas de comunicação. Existe uma crença na cabeça daqueles que detêm cargos de chefia (editores, produtores, diretores e até alguns repórteres) de que doenças provocam repugnância. Então o que acontece é que o jornal *Zero Hora*, assim como outros, passou a tratar o tema apenas

(3) Albert O. HIRSCHMAN, *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça, passim*.

Sáude na imprensa ...

nas áreas que possam representar prazer aos leitores. É o caso, por exemplo, de matérias publicadas no mesmo *Caderno* sobre nutrição, esporte e cirurgia plástica, que atendem à vaidade, ou de notícias sobre técnicas desenvolvidas pela Medicina para tratar do embelezamento das pessoas. A descoberta de medicamentos também é um tema que agrada os editores de jornais, não só porque geralmente estão ligados à cura de doenças ou ao seu controle, mas também porque na área médica são os laboratórios farmacêuticos que mais contribuem com a publicidade.

Os temas ligados à saúde pública surpreendentemente recebem do jornal tratamento diferenciado em relação a outras doenças e técnicas avançadas da Medicina. Eles não são publicados no suplemento que trata da saúde, e sim na editoria de Cidade ou Geral. Isso significa que a saúde pública recebe bem menos espaço nos jornais e dificilmente a matéria permite uma reportagem em profundidade ou com enfoque educativo. Faz-se necessário que os jornalistas repensem sobre o assunto e tomem posições que venham a favor da maioria da população e não apenas da elite dominante, que possui condições econômicas para utilizar-se de qualquer método ou técnica da Medicina, sem falar que a saúde da classe A é bem superior à dos pobres. O primeiro passo a ser dado é a perda de preconceitos, que são claramente visíveis na postura dos jornalistas e atitudes frente aos problemas de saúde. O segundo é não só ouvir os especialistas da Medicina ortodoxa, mas também abrir espaços para a Medicina Alternativa, que tem se revelado popular, apesar das críticas que recebe por parte dos alopatas. Afinal, tudo tem surgido com o objetivo de atender às necessidades físicas, mentais e espirituais que têm causado grande sofrimento à espécie humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARENDT, Hannah. **Da Revolução**. Ática, 1988, vol.5.
2. _____. **Origens do Totalitarismo**. Companhia da Letras.
3. DOWBOR, Ladislau. **Espaço local, atores sociais e comunicação. Ecologia, Comunicação & Sociedade**. Editora IMS, 1993.
4. HIRSCHMAN, Albert O. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça**. Companhia das Letras, 1992.
5. MAMOU, Yves. **A culpa é da imprensa. Ensaio sobre a fabricação da informação**. Marco Zero, 1992.
6. RAMOS, Murilo César. **Educação, Comunicação e Cultura da Informação na Transição Pós-moderna**. (mimeo).
7. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Martins Fontes, 1983, 3ª ed.